



Questão 1: A Lei Federal 10.639/03 tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as escolas do país. A publicação e consequente vigência da referida lei é comemorada como um enorme ganho político, haja vista que a obrigatoriedade contribuiu para o reconhecimento da cultura negra e de suas origens por parte dos/as educandos/as. Além disso, a inclusão do ensino de história e cultura africana nos currículos da educação básica auxilia, sobremaneira na conscientização de educadores/as e educandos/as quanto aos preconceitos que perduram até hoje em razão do nefasto período de escravização de negros/as no Brasil. No entanto, em que pese os avanços alcançados com a publicação da lei 10.639/03, a capacitação de educadores/as não foi premita, o que, por sua vez, gera inúmeros entraves à efetiva inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Assim, por desconhecerem determinadas questões e também por não haver acesso a materiais (livros, antologias etc) sobre o tema, educadores/as - quando muito - acabam apenas por tangenciar o ensino de história e cultura afro-brasileira, tratando-o como algo pontual e superficial.

É certo que a inclusão de história e cultura afro-brasileira nos currículos da educação básica tem como objetivo discutir a "descolonização" de tais currículos, oferecendo outros olhares e possibilidades aos/as educandos/as. Dessa forma, o ensino de Literatura Africana de Língua Portuguesa (doravante L.A. **LP**) contribui para a desconstrução da ideia segundo a qual as formas de expressão artísticas oriundas da Europa - e, consequentemente, a tradição poética da Literatura Brasileira - são a única e verdadeira possibilidade de não só fazer arte como também de construir narrativas. Particularmente no Brasil, o ensino de L.A. **LP** ganha ainda mais importância, tendo em vista as produções de autores negros brasileiros e a relação de tais produções <sup>com aquelas</sup> advindas de África: juntas, essas produções remontam um novo olhar sobre as pessoas negras na li-

literatura, <sup>o qual</sup> saem da condição de "outro" e de "objeto" para se tornarem sujeitos/as de sua própria enunciação. Em outras palavras, o ensino de L.A.L.P. e literatura afro-brasileira promovem um modo negro de ver e sentir o mundo, o qual é transmitido por um discurso que se caracteriza pela construção de um imaginário e depois de resgatar uma memória negra esquecida. É a criação desse novo discurso acontece desde de o nível da escolha lexical até o nível dos símbolos utilizados na L.A.L.P. e literatura afro-brasileira.

A L.A.L.P. e a literatura afro-brasileira precisa ser tratada nas escolas de forma a evidenciar o negro na sociedade como temática dominante, a fim de resgatar sua memória, tradições, religiões e culturas. O ponto de vista precisa ser o do negro, que assume o papel de enumerador, assumindo as rédeas de sua enunciação. De igual feita, a linguagem deve possuir vocabulário próprio associado à oralidade africana e o imaginário deve corresponder ao conjunto de representações que operam no processo de construção identitária. Infelizmente, e conforme dito anteriormente, o que se vê na maioria das escolas brasileiras ainda está longe daquilo que se espera para o ensino de L.A.L.P., em razão, sobretudo, da falta de formação dos/as educadores/as para tratar esse tema.

Questão 2: O ensino de L.A.L.P. reflete necessariamente diferentes usos e variedades da língua portuguesa. A exposição à L.A.L.P. pode contribuir para a reflexão por parte dos/as educandos/as acerca da dinamicidade da língua por eles/as falado: a língua portuguesa assume diferentes usos não só de acordo com a região do Brasil em que é falada, mas também é diferente em outros lugares do mundo em que é falada. Em outras palavras, o português falado em diferentes regiões do mundo - quer seja no Brasil, em Portugal ou em outros países - varia. Da mesma forma que o português falado

no Brasil, em diferentes regiões, não é o mesmo, o português falado em Portugal não é o mesmo; e o português falado em países africanos, igualmente, não é o mesmo. Assim, os diferentes usos evidenciados por meio da L.A.L.P. contribuem para a formação dos/as educandos/as brasileiros/as.

No que tange especificamente à estrutura e processos de formação de palavras, diferentes usos da língua podem ser analisados a partir da L.A.L.P. tanto para evidenciar novas e diferentes formas linguísticas, como também para destacar a sistematicidade de determinados processos do português. Podem, dessa forma, ser destacados desde neologismos até palavras específicas de uma variedade, bem como o uso de diferentes morfemas (prefixos, sufixos, por exemplo). Além disso, palavras oriundas de diferentes línguas africanas que foram incorporadas a variedades africanas do português também podem ser destacadas por meio do ensino de L.A.L.P. Outrossim, novas palavras que resultam de processos de formação de palavras que operam no português podem ser utilizadas para mostrar aos/as educandos/as que, apesar de toda a variabilidade, a(s) língua(s) apresentam suas regularidades.

Ademais, por meio da L.A.L.P., o/a educador/a pode mostrar aos/as educandos/as como o contato com diferentes línguas afetou não só o português falado em África, como também contribuiu para a formação do português brasileiro, sobretudo em relação ao léxico com a incorporação de inúmeras palavras. Esse debate também pode contribuir para o entendimento mais ampliado acerca de processos históricos da formação do português brasileiro.

Por fim, o estudo de literatura afro-brasileira associado ao ensino de L.A.L.P. pode suscitar estudos sobre o "vocabulário da senzala", isto é, de termos utilizados pelos/as negros/as escravizados/as, a fim de verificar processos de formação de palavras ocorridos em situações específicas e analisar os sentidos de empregos das pala-

mas pelas <sup>lãs</sup> portas.

Questão 3: Segundo as orientações dos PCN para o ensino de língua na educação básica, o texto assume grande destaque. Com isso, os gêneros textuais passam a constituir importante papel no ensino de língua. O objetivo é contribuir para a competência comunicativa dos/as educandos/as, apresentando-lhes diferentes gêneros (orais e escritos) e estimulando não só a recepção (escrita e leitura), mas também a produção. Assim, os gêneros textuais apresentados aos/as educandos/as seguem um nível de complexidade de acordo com determinados parâmetros (idade, ano/segmento, grau de letramento escolar/alfabetização etc). Por esse motivo, espera-se encontrar <sup>mais</sup> gêneros com seqüências tipológicas narrativas e/ou descritivas nos primeiros anos no Ensino Fundamental II: contos de fadas, lendas, fábulas, histórias mitológicas. Isto porque seqüências narrativas e/ou descritivas são mais facilmente apreendidas/lidas e requerem menor complexidade, uma vez que, na maioria dos casos, se apóiam em estruturas mais lineares. Da mesma forma, contamos histórias desde <sup>o</sup> início de nosso processo aquisitivo da língua.

Nesse sentido, o ensino de L.A.L.P. pode contribuir para o trabalho em sala de aula no que se refere ao ensino de língua materna, uma vez que diferentes narrativas podem ser incorporadas às leituras. Trazer a L.A.L.P. para as aulas do Ensino Fundamental II pode ser interessante não só pelo fato de oferecer aos/as educandos/as novas narrativas (contos, lendas, mitologias etc), mas também porque pode contribuir, desde cedo, à formação de sujeitos capazes de reconhecer outras subjetividades. O contato com outras formas de expressão artística, tal como a L.A.L.P., é capaz de arrancar tais expressões do reduto reducionista <sup>a</sup> que costumam ~~tratar~~ ~~entrar~~ encaixar toda manifestação artística que não seja branca e/ou europeia, ~~tratando-as como~~ ~~taxando-as de~~ folclore, exóticas ou de maneira

estereotipadas.

A L A L P. permite trazer/introduzir novas personagens às narrativas geralmente apresentadas às crianças do Ensino Fundamental II, conferindo a muitas delas a representatividade de que tanto precisam: o herói não é só o cavaleiro branco que salva a princesa larú, mas é também o homem negro que nasceu do ventre de uma mulher negra. É possível, assim, por meio de <sup>novas</sup> personagens e cenários típicos de qualquer narrativa (re)construir o imaginário dos/as educandos/as e, conseqüentemente, prepará-los/as para enfrentar preconceitos e posicionarem-se de maneira crítica. Se o herói pode ser negro e a heroína pode ser uma guerreira negra, o cenário pode ser em África ou em qualquer lugar para o qual os descendentes do povo negro escravizado foi levado. Literatura é discussividade e a cor da pele (autores/as e personagens) torna-se importante inquanto tradução textual de uma história própria e coletiva.

Assim sendo, o trabalho com textos literários no Ensino Fundamental II deve se pautar na escolha de textos adequados às ~~realidade~~ capacidades linguísticas dos/as educandos/as, os quais devem estimular a criatividade e criticidade. Da mesma forma, o ensino de L A L P pode contribuir para essa trajetória por meio de novas narrativas, personagens e cenários capazes de promover a representatividade e o combate a formas de discriminação.